



**A LIBRAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL DOS PROFESSORES
DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO BAIRRO CODÓ NOVO NA
CIDADE DE CODÓ – MA**

**THE LIBRAS IN THE EDUCATIONAL CONTEXT OF TEACHERS
OF MUNICIPAL SCHOOLS IN NEIGHBORHOOD CODÓ NOVO IN
THE CITY OF CODÓ – MA**

Guilherme Willisngnton Tavares Pereira¹
Universidade Federal do Maranhão

Rosália Ferreira da Silva²
Universidade Federal do Maranhão

Cristiane Dias Martins da Costa³
Universidade Federal do Maranhão

Resumo: A utilização da Libras no âmbito escolar é de grande relevância ao possibilitar a promoção da inclusão, como também a aceitação do surdo que poderá se comunicar e desenvolver aprendizados através da utilização de sua língua materna. A pesquisa está direcionada para tratar da importância da Libras na inclusão do aluno surdo e a necessidade de Tradutores Interpretes de Língua de Sinais (TIL) nas escolas públicas de Codó. Utilizou-se da aplicação de questionários aos professores do 5º ano e aos gestores das escolas municipais do bairro Codó Novo na cidade de Codó/Ma. A pesquisa tem por base bibliográfica principalmente os autores Deus (2012), Quadros (2004) e Domingos (2014) para desenvolver conceitos sobre surdez, TIL e as posturas necessárias do professor no tratamento com o aluno surdo. Foi observado durante a pesquisa a falta de Tradutor Interprete de Língua de Sinais nas escolas pesquisadas, assim como de professores capacitados para o atendimento de alunos surdos, sem conhecimento da Libras. A maioria dos professores entrevistados está inserido no grupo dos ouvintes brasileiros que não tem o conhecimento da Libras e todos julgaram-se incapacitados de prover o atendimento adequado aos alunos surdos em uma sala de aula.

Palavras-chave: Ensino; Libras; Comunicação; TIL.

Abstract: The use of Libras in school is of great relevance in enabling the promotion of inclusion, as well as the acceptance of the deaf who can communicate and develop learning through the use of their mother tongue. The research is aimed at addressing the importance of Libras in the inclusion of deaf students and the need for Sign Language Interpreters (TIL) in public schools in Codó. We

¹ Graduando em Licenciatura em Ciências Naturais - Biologia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: guilhermewtavares@gmail.com.

² Graduanda em Licenciatura em Ciências Naturais - Biologia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: rosafsilva16@gmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: crisdmc@gmail.com.

used questionnaires to the teachers of the 5th grade and to the managers of the municipal schools of the Codó Novo neighborhood in the city of Codó / Ma. The research is based mainly on the authors Deus (2012), Quadros (2004) and Domingos (2014) to develop concepts about deafness, TIL and the teacher's necessary postures in the treatment with the deaf student. It was observed during the research the lack of Interpreter of Sign Language in the schools surveyed, as well as of teachers trained to attend deaf students and without knowledge of Libras. Most of the interviewed teachers are included in the group of Brazilian listeners who are not familiar with Libras and all of them feel that they are unable to provide adequate care for deaf students in a classroom.

Keywords: Teaching; Libras; Communication; TIL.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é desenvolvida pelo ser humano ouvinte de forma natural, já que o mesmo está em contato direto com ela desde o nascer, diferente dos surdos que não possuem a mesma relação com o som. A partir disso, surge a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como forma de tentar sanar as dificuldades enfrentadas pelo surdo e construir sua identidade em meio à cultura brasileira apesar do mesmo ter o desenrolar de sua própria cultura.

A utilização da Libras no âmbito escolar se faz de grande importância, ao observarmos que por meio dela há a promoção da inclusão, como também a aceitação do surdo, este tendo capacidade de se comunicar e desenvolver aprendizados por meio da utilização de sua língua materna, sempre trabalhando de forma que os professores estejam capacitados para o atendimento e a escola possua um Tradutor Intérprete de Língua de Sinais – TIL.

Considerando a amplitude do município de Codó possui 67 escolas urbanas e 158 rurais do ensino da rede municipal, totalizando 225 estabelecimentos do Ensino Fundamental, foi feita a escolha de nove escolas que participaram do projeto da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, intitulado “Letrar: letras e números”, coordenado pela Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa e pelo Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação – SEMED, que visa à melhora do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do município.

O projeto Letrar desenvolveu suas atividades nas turmas do quinto ano do ensino fundamental do bairro Codó Novo durante o ano de 2015. As escolas lócus da

pesquisa são: Unidade Escolar Municipal São Luiz, Unidade Escolar Municipal Rosalina Zaidan, Escola Municipal José Merval Cruz, Escola Municipal Nossa Senhora da Vitória, Escola Municipal Antônio Joaquim, Escola Municipal Santo Antônio, Escola Municipal Presidente Lula, Unidade Escolar Municipal Pica pau e Escola Municipal Comunitária São Sebastião.

O interesse pela temática surgiu a partir da participação como monitores no projeto Letrar que nos possibilitou conhecer uma aluna surda do 5º ano da Escola Municipal Nossa Senhora da Vitória que não tinha nenhum acompanhamento específico para acompanhar as atividades escolares. A estudante em questão, que aqui nomearemos como Maria para preservar sua identidade, não conseguia acompanhar as aulas. Inicialmente a mesma foi direcionada pela professora da escola para salas específicas de alfabetização do projeto, levando em consideração o fato dela não saber ler e escrever.

Durante as aulas, a professora relatou que a Maria apenas copiava as atividades em seu caderno como se estivesse desenhando aquelas letras, pois não tinha a compreensão/entendimento do que elas significavam. Ela comentou que a comunicação com a Maria era difícil, mas que conseguia relacionar com a aluna através de algumas mímicas. Ressalta-se que a professora e nem a Maria tinham conhecimento da Libras, não havendo nenhum tipo de inclusão no contexto escolar.

Após a descoberta de sua especificidade, o Projeto “Letrar: letras e números” solicitou a participação da professora de Libras, que ficou responsável em acompanhar e ensinar a Libras, para que Maria pudesse se desenvolver na sua língua materna. Apesar de o trabalho realizado ter sido apenas durante o ano de 2015, o tempo trabalhado foi suficiente para que Maria conhecesse as coisas que por muitos anos lhe pareciam distante de entender, assim como também seus familiares, que participavam juntamente com ela das aulas. A professora de Libras realizava suas atividades com a Maria na sua casa, envolvendo também a participação da família. Durante o andamento do projeto, através da conscientização da família, a Maria foi encaminhada para a Associação Pestalozzi de Codó para que continuasse o aprendizado da Libras.

Portanto, a partir das leituras relacionadas aos tópicos trabalhados e da prática realizada como monitores do projeto LETRAR, fizemo-nos os seguintes questionamentos:

Como um aluno surdo comunica-se com o seu professor e com os seus colegas? Como um aluno surdo chega até o 5º ano sem saber ler e escrever e sem ter o conhecimento de Libras? Qual a formação/preparação dos professores para lidarem com os alunos surdos?

Para dialogar com as questões levantadas, foi elaborado dois questionários: um direcionado aos professores, tratando de questões relacionadas à vivência em sala de aula, formação específica, contato direto com os alunos; e outro, aos gestores com questões relacionadas à convivência e organização geral na escola e participação dos alunos no ambiente escolar. Do total de nove gestores e vinte professores, tivemos o retorno de três gestores e oito professores.

Ao longo do texto, também será abordado a regulamentação de leis que inserem o surdo no contexto educacional de forma ampla, digna e respeitosa, onde o Tradutor Interprete de Língua de Sinais possui um papel fundamental para a continuação do processo de melhoria da relação entre os surdos e ouvintes, como também da relação entre o surdo e a sociedade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Algumas pessoas ainda não conseguem, apesar da gama de informações que são expostas nos meios de comunicação, diferenciar determinados conceitos e quebrar paradigmas que já não existem mais há alguns anos. Os pressupostos a serem trabalhados nesta pesquisa são a diferenciação que há entre deficientes auditivos e o ser surdo, a importância da cultura surda para o desenvolvimento do aluno surdo, formas de inclusão necessárias pelo professor para fazer com que o aluno identifique-se com o meio independente de sua especificidade.

Escutar é desde o nascimento ser bombardeado por sons e conseguir distinguir pessoas, animais e objetos a partir dos sons específicos que os mesmos são constituídos, adquirindo assim, com o tempo, a estrutura de sua língua e a capacidade de relacionar diversos elementos, sem ter havido um treino para isso. Portanto, a criança entra na escola apta a aprendizados mais complexos, enquanto que, a criança surda não aprende a linguagem naturalmente, tendo a necessidade de ser exposta a treinos, podendo ficar sem

conhecer as palavras e os significados das coisas, se não for submetida a isto. A linguagem torna-se então um obstáculo à aprendizagem, tendo que ser feita passo a passo, para ser possível à comunicação e a obtenção do conhecimento por parte da criança. (SILVA, 2008)

Trabalhando inicialmente com termos relacionados com objeto de pesquisa, que é a Libras no contexto educacional, vale destacar as diferenças entre surdez e deficiência auditiva, sendo que conforme Silva (2008, p. 11) “o surdo é o indivíduo cujo sentido da audição não é funcional para os objetivos comuns da vida [...] e, deficientes auditivos ou hipoacústicos são os indivíduos cuja audição, embora deficiente, (...) é funcional com ou sem a ajuda de prótese auditiva”.

É comum o aluno surdo ser tratado com indiferença e até mesmo como incapaz apenas por não escutar, apesar de a surdez não ser uma incapacidade e ser considerada apenas uma especificidade. O surdo, por considerar a surdez como uma diferença e não uma deficiência, fazendo com que o canal preferencial para comunicação e compreensão seja o visual, não aceita ser chamado de deficiente auditivo. (COSTA, 2003)

Pensar que o surdo é deficiente mental é comum devido as consequência do atraso na aquisição da linguagem que a maioria dos surdos sofrem. As dificuldades geradas pelo atraso na linguagem envolvem todos os aspectos da aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo. Uma dessas dificuldades é a abstração de conceitos o que prende os surdos a situações mais concretas (MOREIRA, 2007, p. 2).

Conforme Bassani e Sbardelotto (2014, p. 5) “os ouvintes são acometidos de que ser ouvinte é melhor do que ser surdo (...), pois este é o resultado da perda de uma habilidade disponível para a maioria dos seres humanos”. Sendo que, as capacidades físicas e mentais de surdos são iguais os de qualquer ouvinte, pois ser surdo não o torna pior e nem melhor de ser um ouvinte, e sim, apenas diferente, sendo esta uma questão a ser discutida em diversos âmbitos, a tolerância ao ser diferente.

A surdez não afeta a capacidade intelectual do indivíduo, nem sua habilidade para aprender, mas uma criança surda perde a estimulação linguística como das outras crianças. Pode ainda ter problemas emocionais e psicológicos, alterações de aprendizado, alterações de fala, problemas no trabalho, insatisfação e solidão. (DEUS, 2012, p.3)

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Direcionando-se então para o desenvolvimento do aluno surdo e sua inclusão, é necessário entender que a maioria das pessoas desconhece que a surdez possui estágios e causas, podendo surgir no decorrer da vida de um indivíduo, por causa de alguma doença ou acidente (adquiridas), como também desde o nascimento por algum problema durante a gestação (congenita), tendo como estágios a perda auditiva leve, moderada, moderadamente severa, severa e profunda. (SILVA, 2008)

Partindo do princípio que há indivíduos que nascem surdos e indivíduos que adquirem a surdez no decorrer da vida, os que nascem com essa especificidade podem ser definidos como pré-linguísticos por nunca terem ouvido ou adquirido nenhum tipo de sonoridade, e os que adquiriram após o nascimento como pós-linguísticos, possuem maior dificuldade na aprendizagem da Libras, as vezes por já terem sabido falar ou por já terem escutado, pois quando a criança aprende a falar antes de perder a audição, a apropriação da Libras torna-se como uma segunda língua (DOMINGOS, 2014).

Independente da forma pela qual a surdez foi adquirida, o processo de inclusão de alunos surdos na sala de aula no ensino regular deve ser trabalhado seguindo meios que envolvam os diferentes caminhos pedagógicos a serem trilhados, fazendo com que os alunos se constituam como sujeitos pertencentes à sociedade (BASSANI, SBARDELOTTO, 2014). Mesmo que a sociedade seja em sua maioria composta por ouvintes, devendo neste processo ser dialogado sobre a conscientização para a construção de um meio passível de ser vivido de forma igualitária, onde as diferenças sejam respeitadas.

O tratamento do aluno surdo na sala de aula pelo professor também é de grande importância para a sua inclusão, pois o surdo deve se sentir como parte do espaço que está e não como um intruso. Sendo o professor peça fundamental para que esse aluno não se sinta excluído ou tratado de forma diferente apenas por causa de sua especificidade. A melhor forma de haver um desenvolvimento desse aluno é quando o professor tem, segundo Domingos (2014, p. 23), “atitudes como a escolha adequada de atividades e de materiais, o melhor local na sala para assentar-se, ter com este a mesma postura que tem com outros alunos no sentido de disciplinar e orientar, sem ignorá-lo ou superprotegê-lo”.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Uma das necessidades do professor, como mediador da relação e socialização do aluno surdo com os outros alunos, é ser capacitado de forma que sintase a vontade e seguro para tratar com esse aluno. Com isso, sabendo que a educação é para todos independente de sua especificidade, temos a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular, porém, o que não conseguimos notar é esta inclusão, pelo menos não nas escolas onde foi realizada a pesquisa, pois não há professores capacitados para realizarem o atendimento adequado ou desenvolver atividades com os alunos surdos, já que as atividades são direcionadas para os alunos ouvintes.

Vale destacar que como uma língua, a Libras possui todas as estruturas que a compõe, existindo assim diversas formas de explorá-la, por meio da configuração de mãos, expressão facial, classificadores, meio a ser sinalizado, direcionamento, etc. O objetivo principal seja alcançado, sendo este a comunicação.

A Língua de Sinais são sistemas de sinais independentes das línguas faladas. Não existe uma língua de sinais utilizada e compreendida universalmente, diferindo uma das outras, por exemplo: no Brasil temos a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais); nos EUA utiliza-se a ASL (American Sing Language); e na França a LSF (Langue de Signes Français). Existindo como as línguas orais, dialetos ou variabilidade regional dos sinais. A língua de sinais é uma língua de dimensão espacial e corporal. (DEUS, 2012, p. 6).

Conforme Domingos (2014, p. 16) “a Língua de Sinais propicia o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda, facilita o processo de aprendizagem de línguas orais, serve de apoio para a leitura e compreensão de textos escritos e favorece a produção escrita”, mostrando a importância da introdução do aluno surdo a sua língua materna, a qual irá fazer com que o aluno desenvolva-se nos diversos aspectos mais facilmente.

Diante do tratamento desta língua como necessária para a progressão do aluno surdo no decorrer de sua vida escolar, cabe salientar a importância da forma de ensino que este aluno deverá ter, principalmente ele estando inserido em escolas de ensino regular, sendo necessário o complemento ao aluno surdo de aulas direcionadas

para a seu objetivo, que é a compreensão dos conteúdos através da comunicação por meio da Libras.

Para atender de maneira organizada o atendimento em libras deve ocorrer diariamente em horário contrário ao das aulas na sala de aula comum, propiciando uma oportunidade para que o professor de Atendimento Educacional Especializado faça seu planejamento juntamente com o professor de turma comum e o professor de Língua Portuguesa, acompanhando o plano de conteúdo oficial da escola, pois o conteúdo é semelhante ao desenvolvido na sala de aula comum de acordo com a série ou ciclo que o aluno está cursando. (DEUS, 2012, p. 12)

Todo o decorrer da explanação de conteúdos é mais uma forma de exclusão do aluno surdo, pois não há a comunicação através da fala por parte do aluno e Libras por parte do professor. Segundo Lima (2006, p. 23), “a grande maioria das crianças surdas (com perda severa e profunda) desenvolvem-se melhor quando, na escola, a língua instrucional é a língua de sinais”, mostrando o quanto é importante à introdução desta língua no contexto escolar da criança, que pode apresentar dificuldade de se comunicar caso esta inclusão não seja realizada.

Diferente dos ouvintes, grande parte das crianças surdas entram na escola sem o conhecimento da língua, sendo que a maioria delas vem de famílias ouvintes que não sabem a língua de sinais, portanto, a necessidade que a LIBRAS seja, no contexto escolar, não só língua de instrução, mas, disciplina a ser ensinada. (BASSANI; SBARDELOTTO; 2014; p. 4)

Por esses motivos o ensino de Libras vem traçando um caminho de reconhecimento e aceitação tanto pelos ouvintes como pelos próprios surdos, efetivando-se como uma mudança no atendimento desses alunos e fortalecendo a identidade surda no Brasil, fazendo com que a escola não possa ignorá-la no processo de ensino e aprendizagem, inserindo-se desde a sala de aula, metodologias diferenciadas que consigam abranger de forma linearmente toda a diversidade ali encontrada. (BASSANI; SBARDELOTTO, 2014)

O tratamento da Libras como uma língua é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno surdo e da necessidade que o mesmo tem de obtê-la, já que a língua é principal canal para o desenvolvimento cognitivo do homem. A partir disso insere-se a criação de escolas bilíngues, onde o tratamento do bilinguismo refere-se ao

ensino da Libras ao surdo, esta sendo sua língua materna, como também o português, este sendo necessário para questões de convivência, por ser a língua oficial no Brasil. No processo de educação da criança surda deveria existir, obrigatoriamente, um profissional ouvinte, que seria responsável pela língua da comunidade ouvinte e um profissional surdo, responsável pela transmissão da cultura dos surdos e da língua de sinais”.

O ensino da Libras ao aluno surdo não negligencia o ensino da língua portuguesa, mas, é claro que o domínio da língua materna facilita o aprendizado de uma segunda língua (DOMINGOS, 2014) e segundo Costa (2003, p. 3) “no bilinguismo, propõe-se que o surdo adquira a Língua de Sinais desde a mais tenra idade, assim como os ouvintes adquirem a fala. [...] pois no bilinguismo, a surdez não é vista como uma incapacidade, mas como uma especificidade.”

Para isto, o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000), no seu Capítulo III, Art. 13º diz que

O ensino da modalidade escrita da Língua portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Referindo-se ao Tradutor Intérprete de Língua de Sinais - TIL e a comunicação do surdo com o ouvinte, considera-se, dentre as dificuldades encontradas para comunicação/convivência do aluno surdo com um ouvinte, sendo este colega, professor, diretor que não sabem Libras, o TIL a solução para desconhecimento do surdo que é o som, e do ouvinte que é a língua de sinais.

O Tradutor Intérprete de Língua de Sinais é a pessoa que traduz de uma língua para outra, interpretando a língua de sinais para a língua falada, podendo esta ser simultânea, onde ouve-se a enunciação e passa para outra língua no tempo da enunciação, ou consecutiva, onde o tradutor-intérprete ouve/vê o enunciado, e depois faz a passagem para a outra língua. (QUADROS, 2004, p. 11).

Além da possibilidade de um TIL em sala de aula, há a necessidade da relação entre ele e o professor. Segundo Santos e Festa (2014, p. 9) “para que a inclusão aconteça é necessário mais do que a presença do intérprete em sala de aula, precisa da interação de professores e intérpretes para que sua atuação conjunta garanta uma educação que promova desenvolvimento de potencialidades do aluno surdo”.

Ressalta-se que o exercício da profissão de Tradutor Interpretador de Língua de Sinais (TIL) é regulamentado conforme a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, onde o intérprete terá competência para realizar a interpretação simultânea de duas línguas: Libras e Língua Portuguesa, podendo ser de maneira simultânea ou consecutiva.

Apesar da lei em favor dos TIL ter sido aprovada em 2010, os intérpretes possuem um desenrolar no processo histórico do Brasil desde a década de oitenta por meio de instituições religiosas conforme Quadros (2004) confirma:

Presença de intérpretes de língua de sinais em trabalhos religiosos iniciados por volta dos anos 80. Em 1988, realizou-se o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais e a avaliação sobre a ética do profissional intérprete. Em 1992, votação do regimento interno do Departamento Nacional de Intérpretes fundado mediante a aprovação do mesmo. A partir dos anos 90, foram estabelecidas unidades de intérpretes ligadas aos escritórios regionais da FENEIS. Em 2000, foi disponibilizada a página dos intérpretes de língua de sinais www.interpretels.hpg.com.br. No dia 24 de abril de 2002, foi homologada a lei federal que reconhece a língua brasileira de sinais como língua oficial das comunidades surdas brasileiras. (QUADROS, 2004, p. 16)

Vale destacar que apesar de a presença de TIL nas escolas da pesquisa esteja em visível falta, e o processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos esteja defasado pelo fato desta ausência como também da falta de capacitação adequada aos professores atuantes, o decreto que regulamenta a lei em favor da Língua Brasileira de Sinais apresenta a necessidade da inserção dos mesmos a todos os âmbitos. Como se observa no seu capítulo IV:

Art. 14, § 1º, parágrafos II e III, do Decreto nº 5.626 - deve ser ofertado, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino de Libras e também de Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos, assim como prover as escolas com: Professor ou Instrutor de Libras, Tradutor Interpretador de Língua de Sinais, Professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua e Professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos. (BRASIL, 2005)

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos durante a pesquisa através da aplicação dos questionários foram organizados em três tópicos: a inclusão do aluno surdo, a importância da Libras e a necessidade de Tradutores Interpretadores de Língua de Sinais (TIL) nas escolas públicas. Foi realizada a análise dos dados dos dois questionários aplicados, sendo um deles voltado para os professores e o outro voltado para os gestores das escolas.

Observamos individualmente as respostas relacionadas a cada um dos tópicos trabalhados e relacionamos com os teóricos da área. É importante mencionar que para deixar os entrevistados mais a vontade para expressar suas opiniões, suas identidades foram preservadas sendo nomeados quando professores como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8 e quando gestores como G1, G2 e G3.

Ao questionar aos professores sobre o conhecimento da surdez, todos souberam dissertar, mesmo que de maneiras diferentes, percebendo-se que todos relacionaram surdez como uma deficiência congênita ou adquirida na região auditiva, e que é uma deficiência que dificulta e prejudica a comunicação.

P1 – “... é o sentido que mais nos coloca dentro do mundo.”

P2 – “é uma doença auditiva que a pessoa pode nascer com ela ou adquirir com o tempo.”

G1 – “...penso que existe surdo de nascimento ou surdez adquirida.”

Reafirmado as colocações acima Cormedi (2011) apresenta os diferentes graus de perda auditiva:

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

As pessoas com surdez apresentam diferentes graus de perda auditiva, desde de surdez leve, passando por aqueles que com auxílio de próteses readquirem a capacidade auditiva e surdos profundos que não conseguem ou não desejam adquirir a língua oral e só se comunicam por meio da língua de sinais. Além disso, existem surdos congênitos e aqueles que adquirem a surdez: antes ou depois de adquirir a língua oral. (CORMEDI, 2011, p.27)

Das nove escolas escolhidas para participar da pesquisa, duas delas possuem um aluno surdo cada, um deles é a aluna citada anteriormente pertencente à escola Nossa Senhora da Vitória, e o outro estuda na Escola São Luiz, mas não faz parte das salas do 5º ano, que foram os alunos que participaram da pesquisa. Sendo assim, os professores participantes da pesquisa não quiseram dar opinião sobre as dificuldades encontradas ou que poderiam ser encontradas com um aluno surdo em sala. Entretanto, o gestor da escola São Luiz opinou da seguinte maneira:

“além do constrangimento da criança, os professores tem que falar bem mais alto, e ele ainda termina não entendendo nada.”

Seguindo neste contexto, cabe destacar que conforme Gonçalves e Festa (2013):

A presença do aluno Surdo em sala exige que o professor reconheça a necessidade da elaboração de novas estratégias e métodos de ensino que sejam adequados à forma de aprendizagem deste aluno Surdo, o aluno Surdo está na escola, então cabe aos professores criar condições para que este espaço promova transformações e avanços a fim de dar continuidade a um dos objetivos da escola, ser um espaço que promove a inclusão escolar. (GONÇALVES; FESTA, 2013, p. 2)

Todos os professores e gestores são favoráveis à presença de Tradutor Interprete de Língua de Sinais nas escolas públicas do município, e de formas diferentes falaram um pouco sobre o dever que eles imaginam que o TIL tenha, sendo que todas as respostas foram relacionadas à comunicação do aluno surdo com o professor e a melhora no aprendizado do aluno.

P3 – *“...com o tradutor ele vai entender o que o professor está explicando... interpretando a língua portuguesa para a Libras.”*

P4 – *“... facilitará o processo de ensino desse aluno... fazendo a ponte entre tal aluno e as atividades da sala.”*

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

P5 – “... o intérprete facilita a aprendizagem de educando... fazendo gestos aos alunos, para que eles compreendam.”

Nessa perspectiva, Santos e Festa (2014) afirmam que

O intérprete não ocupa o lugar do professor, que é de ensinar, assim como o papel do intérprete, que é interpretar. As aulas devem ser planejadas pelo professor e o intérprete pode sugerir atividades em que o aluno poderá ter uma melhor compreensão do conteúdo. O trabalho em parceria ajudará no desenvolvimento do aluno (SANTOS; FESTA, 2014, p.5).

Quando os professores foram questionados sobre a forma de comunicação que eles acreditam que seja a usada pela maioria dos surdos (figura 1), obtivemos o resultado que podemos observar no gráfico que mostra em forma de porcentagem a opinião dos professores que participaram da pesquisa.

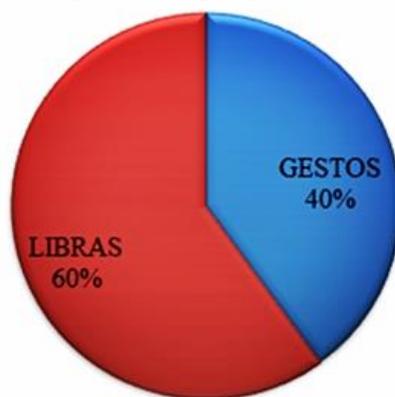


Figura 1: Gráfico de porcentagem da opinião dos professores relacionada a forma de comunicação mais usada pelos alunos surdos.

Já quando questionados sobre como provavelmente deve ser o desenvolvimento do aluno surdo em sala de aula (figura 2), apresentamos no gráfico abaixo as opiniões dos professores, sabendo que as respostas são subjetivas ao considerar que nenhum dos professores entrevistados possuía alunos surdos em suas salas.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

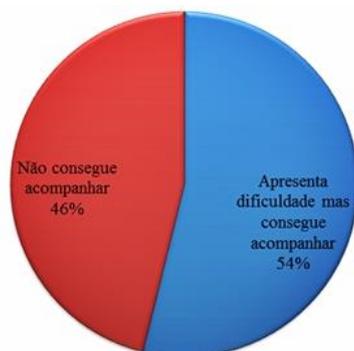


Figura 2: Gráfico de porcentagem da opinião dos professores relacionada ao desenvolvimento do aluno surdo em sala de aula.

Contextualizando de forma histórica a indicação de que a forma de comunicação mais usada pelos alunos surdo hoje é a Libras, os autores Silva, Melo e Cavalcante (2010) destacam que

A partir do congresso de Milão, em 1880, devido a grande presença de ouvintes, adotou-se o oralismo, método que considera a voz como o único meio de comunicação e de educação para os surdos [...]. Na década de 60, surge uma corrente filosófica denominada de Comunicação total, sendo bastante importante para estabelecer uma comunicação mais eficaz para ambos – professor e aluno, ao propor que qualquer tipo de comunicação é relevante (língua de sinais, a fala, a leitura oral-facial, o alfabeto manual e a escrita) [...]. Por volta da década de oitenta e noventa toma espaço o bilinguismo, tornando a língua de sinais, como língua principal entre a comunicação (SILVA, MELO, CAVALCANTE; 2010, p.5-6).

Direcionando-se ao nível de conhecimento que os mesmos possuíam em relação à Libras, as informações que já tinham ouvido falar sobre essa língua e a necessidade da mesma tanto para a comunicação quanto para o aprendizado do aluno surdo, obtemos como resposta que dentre todas as onze (11) pessoas que responderam o questionário, apenas cinco (5) possuem algum conhecimento sobre Libras e que o mesmo foi adquirido por um curso de nível básico oferecido pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, através do projeto LETRAR: letras e números, que ainda esta em andamento, já possuindo uma turma finalizada com carga horária de 180 horas

concluídas e mais duas turmas em andamento, e os outros seis (6), não possuíam nenhum conhecimento de tal língua.

Ao tratar da importância da capacitação dos professores Silva (2016) aponta a questão da falta de disponibilidade de tempo dos docentes para se capacitarem

Pode-se perceber que um dos maiores entraves no que diz respeito às metodologias para atender aos alunos surdos é a questão disponibilidade de tempo do professor. Assim como também a falta do conhecimento aprofundado da língua de sinais, sendo necessário um momento de estudo, para que haja o repasse de sugestões de metodologias. Pois a falta de recursos e a indisponibilidade de alguns professores a se capacitarem, às vezes acaba por prejudicar a boa qualidade de aprendizagem, principalmente no que diz respeito às provas e atividades em classe (SILVA, 2016, p.4.).

Tentamos extrair a opinião de cada um dos professores e gestores sobre a capacitação necessária que os professores precisariam ter para conseguir desenvolver atividades mais abrangentes para todas as especificidades que podem surgir em uma sala de aula, as dificuldades que o surdo enfrenta na escola e as dificuldades na ministração de aula.

P6 – “... não estamos preparados para trabalhar com esse alunos.”

P7 – “... o surdo não consegue compreender os conteúdos do dia a dia.”

P8 – “... se não houver a comunicação para a troca de conhecimento, não haverá aprendizagem.”

G1 – “... pois o mesmo (o surdo) não consegue acompanhar os conteúdos trabalhados.”

G2 – “porque estes professores (TIL) são treinados para trabalhar com as nossas crianças, onde outros professores não especializados se sentem inexperientes”.

G3 – “sem a qualificação em Libras o professor não terá como explicar as aulas”.

Pode então ser percebido, conforme as respostas acima, que os professores se auto declaram incapacitados de desenvolver as atividades de forma que consigam abranger os diferentes tipos de especificidades, mas mesmo assim demonstram o

conhecimento sobre a necessidade de um TIL em sala de aula. Ressalta-se que a maioria dos entrevistados tratam os intérpretes, como as pessoas responsáveis pelos alunos surdos, sendo perceptível em suas falas direcionadas ao interprete como professor, mas como foi apresentado anteriormente, nem o intérprete deve substituir o papel do professor, assim como o professor o do interprete.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os surdos respeitam e esperam respeito das pessoas que estão a sua volta, merecendo, apesar de possuírem suas limitações, uma educação digna e de qualidade, que poderia ser oferecida a partir de uma iniciativa na melhora da educação através de formações continuadas para os professores em exercício e da inserção de Tradutores Interpretes de Língua de Sinais nas escolas da rede pública assim como um direcionamento mais aprofundado a este assunto nos cursos de graduação/licenciatura.

Percebemos durante a pesquisa, que há necessidade de um atendimento especial nas escolas públicas de Codó, porém a população está à mercê do desenvolvimento educacional do município, que enquanto não se manifesta, o professor sem capacitação suficiente para tal caso é seguir sua aula, com a desvantagem de ter alunos com necessidades educacionais especiais diversas, que se sentem excluídos, dificultando o processo de socialização com os colegas e interação no momento da ministração das disciplinas.

Sem a presença de um TIL ou um professor com capacitação, que mesmo na ausência de um profissional adequado, consiga desenvolver metodologias capazes da inserção desses alunos durante as aulas, o surdo não conseguirá obter algum tipo de aprendizagem, já que não consegue compreender o que está sendo ministrado.

Podemos notar também que a Língua de sinais está sendo cada vez mais procurada pelo profissional da educação através de minicursos, cursos de aperfeiçoamento, entre outras formações. Entretanto, observou que o conhecimento sobre surdez ainda está escasso, pois os educadores relacionam diretamente a perda auditiva total, não sabendo direcionar as suas variações.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Saber a definição e a importância de cada um dos assuntos que envolvem a vida de um surdo é extremamente necessário para que a evolução no tratamento deles melhore, tanto no âmbito social quanto no educacional. Podemos perceber que a diferenciações entre as necessidades de tratamento, sendo estes com o aparelho para níveis mais leves de surdez, ou apenas o ensino da Libras para a comunicação das pessoas, mais especificamente alunos que tenham tal deficiência, são de grande importância para a evolução da comunicação entre ouvintes e não ouvintes.

A partir de todas as observações realizadas, vê a necessidade de um Tradutor Intérprete de Língua de Sinais faz numa escola, o qual possui a capacidade de desenvolver o aprendizado de um aluno surdo com a introdução de uma língua para a comunicação do mesmo, onde o seu desenvolvimento não se estagne apenas a tentar descobrir o que estão falando ou lutar pra que entendam o que quer.

Contudo, o processo de desenvolvimento da cultura surda e das formas de se trabalhar com o aluno surdo desenvolveu-se continuamente, se levarmos em conta o histórico do surdo na história do Brasil. A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, assim como o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que a regulamenta, foram de grande avanço para a possibilidade da vivência do surdo numa sociedade onde em sua maioria são ouvintes, apesar de ainda haver alguns tópicos a serem trabalhados, melhorados e desenvolvidos para que o surdo possa se sentir, apesar de ter sua própria cultura, parte integrada e indissociável da cultura brasileira.

Depois de realizadas as observações no decorrer da pesquisa, trabalhar em leituras de pesquisas relacionadas ao tema e até mesmo em sala de aula assim como em outros meios de observações, podemos notar o quão importante é a língua de sinais para um surdo, e como é necessário termos esse desenvolvimento na capacitação dos professores, não somente das escolas do nosso município, mas as de todo o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSANI, Cristiane; SBARDELOTTO, Dilaine Aparecida: **A importância do ensino de libras na educação fundamental**. UNIGUAÇU. Nov. 2010. Disponível em:

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

<<http://www.faesi.com.br/nucleo-de-pesquisa-cientifica/75-portal-do-saber/224-a-importancia-do-ensino-de-libras-na-educacao-fundamental>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

CORMEDI, Maria Aparecida; **Estudos sobre a deficiência auditiva e surdez**. p. 1-79; Brasília-DF, 2011.

_____. **Decreto nº 5.626 de 22 de Dezembro de 2005**. Brasília, 2005. Língua brasileira de sinais – LIBRAS. Brasília, 2005.

COSTA, Dóris Anita Freire. **Fracasso Escolar: Diferença ou Deficiência?**. Psicopedagogia online. Out. 2003. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrid=84>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

DEUS, Maria de Lourdes Fonseca; **Surdez: linguagem, comunicação e aprendizagem do aluno com surdez na sala de aula comum**. Revista Anápolis Digital. vol. 3; n. 1; p 1 – 15; 2012.

DOMINGOS, Maria Cristina da Silva. **A inclusão do aluno surdo da educação infantil no ensino regular**. RVCS. Editora Arara Azul; ed. 14; p. 1-32; set. 2014.

GONÇALVES, Humberto Bueno; FESTA, Priscila Soares Vidal; **Metodologia do professor no ensino de alunos surdos**. Revista eletrônica do curso de pedagogia das faculdades OPET. Ed. 6, n 5, p 1-13, 2013.

LIMA, Daisy Maria Collet de Araújo; **Saberes e práticas da inclusão: Dificuldades de comunicação e sinalização surdez**. ed. 4; Secretária de Estado da Educação do Distrito Federal – Brasília: MEC, Secretária de Educação Especial, 2006; p. 86.

MOREIRA Patrícia Aparecida Leite; O fator linguístico na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança surda. RVCS. Bahia; ed. 3; n. 1.2; p. 1-15; 2008.

QUADROS, Ronice Muller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004. p. 94.

SANTOS, Luciane; FESTA Priscila Soares Vidal; **A relação do intérprete de libras e o aluno surdo: um estudo de caso**. Revista eletrônica do curso de pedagogia das faculdades OPET. Ed. 7, n 3, p 1-10, 2014.

SILVA, Lucia Palú; **Manual de orientações de práticas interventivas no contexto educacional para professores do ensino fundamental**. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Mandirituba; 2008

SILVA, Danielle Caruline Sena; MELO, Eurides Bonfim; CAVALCANTE, Tícia Cassiany Ferro Cavalcante. **As filosofias educacionais na educação dos surdos: uma análise da prática docente e da interação surdo-ouvinte**; 2010.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

SILVA, Tamyres Gyslane Ferreira; **A formação dos professores no ensino de surdos em classe comum:** uma realidade no município de Castanhal. Meu Artigo – Brasil Escola. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-formacao-dos-professores-no-ensino-surdos-classe-comum.htm>>. Acesso em: 28 de nov. de 2016.